

UM CONTO DE NATAL DE  
**PAULO RAVIERE**



QUEBRA FACÃO

DARKSIDE





C O N T O S

D E N A T A L

D A R K

DARKSIDE

UM CONTO DE NATAL DE  
**PAULO RAVIERE**

# QUEBRA FACÃO

“Morre muito menas gente  
Se a guerra for de facão.”

— Wilson Aragão, “Guerra de Facão” —

## I

O orvalho ainda não havia nem começado a brilhar quando Joaldo saiu de seu cafofo para preparar o café preto. Fazia muito frio de manhã cedo, e quem chegasse ali nas tardes escaldantes não faria ideia que a temperatura pudesse baixar tanto ao longo da noite. Apesar disso, Joaldo sempre preparava seu café no quintal. Naquela manhã usava uma blusa de lã xadrez, da cor do vinho, e comia um pão duro com manteiga de garrafa enquanto olhava para o céu.

Depois do desjejum, ajeitava suas ferramentas de trabalho. Era lenhador. Todos os dias, mesmo que não precisasse, ele amolava o machado e o facão em uma pedra de limar. Trabalhava nas caatingas, e como nem

todo mundo precisava de lenha, vivia fazendo bicos. Além de aquela ser época de baixa estação, o ano anterior havia sido de pouca chuva. Os fazendeiros não haviam investido muito nem nas plantações, nem com os animais. Joaldo, entretanto, não esmorecia, continuava a cortar lenha todos os dias, e a levá-la pra ver quem precisava na vila.

— Mas, Joaldo, tu é um menino bom. Por que não vem trabalhar comigo aqui na venda? — disse um homem rechonchudo, enquanto passava um pano branco num balcão empoeirado.

— Cabeça vazia é a oficina do diabo, seu Milton. Eu ia ficar molenga se trabalhasse na sombra o dia todo.

O estabelecimento funcionava como bar, padaria e mercearia, de modo que sempre havia muito o que fazer, são coisas que todos precisavam. O trabalho, porém, era dividido. Em certas horas do dia, os funcionários apenas observavam o vento carregar a poeira lá fora; noutras, não davam conta de atender a multidão.

— Mas você num tá ganhando nada sozinho lá no mato. Nunca vi ninguém comprando lenha, e você aí, trabalhando de graça. Devia ficar mais na vila, conhecer uma moça. Vai querer uma branquinha?

Seu Milton já havia servido a pinga antes de receber a resposta. Joaldo a virou de um gole, enquanto assistia o fraco movimento da vila, exatamente como os funcionários de Milton faziam quando ele não estava presente.

— Se bem que este ano tá ruim, hein, Joaldo? A vila tá parecendo um cemitério. — Milton espantava as moscas com os braços; o pano em seu ombro direito. — Mais uma?

— Agora não. Deixa a primeira esfriar na barriga.

Entrava uma senhora não menos rechonchuda, usando vestido de renda e esfregando as mãos.

— O movimento anda fraco, né, seu Milton? — foi logo dizendo, pousando uma sacola no tamborete próximo à entrada.

— Bem fraco... Tempo ruim — respondeu ele, e começou a espantar as moscas, dessa vez com o pano. — Do que a senhora precisa?

— Me dá uma lata de óleo, por favor. Pago no final do mês — disse ela, antes de se virar para Joaldo. — Você vai estar ocupado amanhã de manhã? Eu preciso de alguém pra me ajudar com a horta.

— Eu passo lá, dona Dora.

— Brigada, Joaldo, você é um menino bom. Depois me lembra de te dar uma vasilha do doce de leite que eu fiz hoje. — Ela pegou sua sacola e deu um discreto aceno de despedida.

Seu Milton pegou o copo de Joaldo e pôs em uma pia, sem gastar água em cima. Depois passou o pano sobre o balcão mais uma vez, apesar da limpeza não se fazer necessária. Ao mesmo tempo, entrou um velho magricela, enlameado, com um enorme chapéu de palha. Resmungava. A própria voz denunciava a falta de aptidão para a higiene.

— Aquele fi duma quenga! — falou, lascando um tapaço no balcão.  
— Milton, desce uma branquinha aí.

— O que foi, Alexandre? Que raiva é essa? — Milton falava com calma frente a natural falta de modos daquele homem.

— O fi de quenga desse pescador que apareceu aí. O tempo já não anda bom, e desse jeito... — Indicou que queria outra antes mesmo de virar a cachaça que tinha em mãos.

— Tão falando que onde ele passa ele acaba com os peixes — disse Milton.

— Um caba dessa qualidade é um criminoso, um salafrário. Um sujeito desses devia era ser preso. — Alexandre apenas beberica a nova dose. — Não perdoa nada, pega tudo. Qualquer peixinho pequeno ele pega... Não sobra uma piaba.

— Daonde é esse caba safado?

— Acho que de lá do Largo dos Preá.

Joaldo se virou, tentando disfarçar seu interesse evidente. Milton percebeu e o introduziu na conversa, dando um tapinha amigável no ombro do lenhador.

— Ah, Joaldo aqui também é de lá, né não, Joaldo?

— E é, é? — interrogou Alexandre, com curiosidade.

Joaldo lançou um olhar desconfiado ao outro cliente, mas respondeu com naturalidade.

— Papai que era.

— E tu conhece esse sujeito? — perguntou Alexandre, com certo desprezo na entonação.

— Sei quem é, mas esse caba né de lá não. Só ficou lá por uns tempos. A irmã dele que era de lá, acho. — Então se virou para Milton. — O senhor já pode me dar a outra, por favor.

— Esfriou a barriga, né? — proferiu, gargalhando.

— Ainda bem — continuou Alexandre. — Já pensou se eu tivesse chamando de safado um parente seu?

— Parente ou não, se o caba é safado, eu não defendo. — Joaldo virou a bebida e tentou disfarçar a careta. — O papo tá bom, mas eu vou indo, que ainda tenho muita lenha pra tirar hoje.

— Joaldo, se encontrar quebra-facão, tem como tirar uns galhos pra mim?

— Tiro sim, seu Milton. Sei onde tem.

Apertou a mão dos dois e lhes deu as costas. Quando já ia saindo do estabelecimento, deu meia-volta.

— Sim, seu Milton, depois eu pago a bebida.

Milton ficou desconcertado.

— Precisa não, menino. Tu já não me ajuda tanto?

Joaldo fingiu que não ouviu.

— Quando arrumar o dinheiro eu pago o senhor.

E saiu pela rua vazia. Milton tornou a limpar o balcão com o pano branco, apenas para não ficar sem fazer nada. Alexandre virou o que sobrava da segunda branquinha e emendou a terceira. Milton pôs o pano em seu ombro e aproveitou para servir uma para si mesmo.

— Joaldo é menino bom — afirmou, brindando com Alexandre —, mas é muito bestinha. Imagina, num tempo desses, trabalhando de graça pros outros!

## II

As plantas molhadas da manhã agora já ressecavam, enquanto Joaldo preparava a sua marmita de carne seca, feijão e arroz. Ele encheu uma cabaça com a água barrenta que era acostumado a beber, pegou suas ferramentas, e adentrou a caatinga pela segunda vez. Foi abrindo o caminho no mato, enquanto procurava o quebra-facão de seu Milton.

Avistou uma cachopa de abelha.

Mel! Amanhã de tarde eu venho tirar; acho que dona Dora vai querer.

Penetrou a vegetação espessa, esquivando-se de mandacaru, xique-xique, umburana, jurema, caroá, facheiro, e de um ofensivo pé de cansanção, mas quebra-facão nenhum. Até por conta de seu ofício, Joaldo era profundo conhecedor das plantas caatingueiras: sabia o que podia cortar, o que podia comer, e quais as plantas cujo mero toque o machucaria. Caminhou até encontrar respiro debaixo de um umbuzeiro um tanto seco. Achou também uns galhos de quebra-facão cortados que alguém havia largado por lá. Como não tinha mais trabalho a fazer, sentou-se e experimentou da marmita. Antes de beber no cantil deu uma limpada com a camisa, quando uma lacraia subiu de repente em sua mão.

Ele balançou o braço com força. O inseto caiu no chão e fugiu, se safando do cabo do machado que ele lançara com velocidade.

— Excomungada!

Na volta, segurando o feixe de quebra-facão com o sovaco, e mais uma pequena tora de umburana presa nas costas junto com a vasilha da marmita, parou na beira do riacho. Duas crianças brincavam ao longe, enquanto o pescador jogava uns camarões na água.

— Pegando muito peixe?

— Tou sim — respondeu o pescador, entusiasmado. — Esse rio é pequeno, mas tem muito tucunaré. — Então encaixou um camarão em um anzol e o lançou na água.

O homem não tinha o dedão do pé direito, e vacilava para se sustentar firme, uma vez que não usava muletas.

— Como é esse negócio de pescar com camarão? — Joaldo falou baixinho, para não atrapalhar a pescaria. O homem deu pequenos solavancos na vara.

— É só jogar a isca que os peixes vêm. Tucunaré é tudo besta. Pode até mexer na água que eles nam liga. O problema é só o camarão, que é caro, nam tem por aqui, aí tenho que buscar lá na cidade. Mas pelo menos tem. Vale a pena.

A vara deu uma envergada suave, porém repentina, e ele a puxou de vez. Um peixe mediano, amarelado, com manchas pretas, triangulares, se debatia com a boca enganchada no anzol. O pescador teve um pouco de trabalho para tirá-lo, antes de prender outro camarão.

— Posso tentar? — pediu Joaldo, esticando a mão que estava livre, enquanto o pescador colocava o peixe na capanga.

— Tenta aí — disse o pescador.

Ele mesmo auxiliou o rapaz. Joaldo jogou um camarão na água e pegou um tucunarezinho bem rápido, mesmo tendo usado apenas um braço.

— Agora tem uma coisa — ressaltou o pescador. — Esse tucunaré aí que tu pegou é meu, porque a isca e o anzol foi eu que te dei.

— Tá certo, eu só queria ver como era.

Ele ficou observando o homem, que pescou vários tucunarés em sequência. Cada um menor e mais magro que o outro, mas que juntos davam uma engordada em sua capanga.

— O senhor já teve ali pelas bandas do Largo dos Preás, nóé? — Joaldo perguntou como quem não queria nada.

— Fiquei uns tempos lá naquelas bandas sim. Minha mãe é de lá, e depois que ela morreu minha irmã acabou morando na casa. Nasci na época que o povo começou a sair de lá. Tinha vinte e poucos anos, na última vez que fui lá fazer uma visita.

Então Joaldo se aproximou dele.

— Meu povo é de lá também. Tá lembrado de mim?

E se aproximou mais. O pescador estava tão concentrado em sua atividade que não se deu conta. Virou-se para ele por um segundo, e depois voltou os olhos para o riacho.

— Hum... Ó, nam vou mentir. Nam lembro nam. — Olhou para ele mais uma vez. — Sua cara me lembra de alguém, mas eu nam sei dizer.

— É que já tem muito tempo. De lá pra cá eu cresci.

— É? Eu nam sei... Tu é fi de quem?

Nesse momento, Joaldo tira o facão da bainha e aponta para ele. A vara de pescar começa a tremer com violência, não por causa de sua mão. Um peixe grande de verdade tentava estilhaçar o espelho aquoso que o escondia das vistas humanas.

— Ai meu Deus!

Ele olha com atenção para a face de Joaldo.

— Me perdoa! — Como se sentisse o seu desespero, o peixe se agita cada vez mais. — Ou era ele ou era eu! Tenha piedade!

Joaldo encosta o facão na garganta do pescador e grita, babando, com olhos lacrimejantes.

— Agora tu lembra de minha cara, né, seu excomungado!?

E golpeia o pescador com violência entre o ombro e o pescoço. O facão se engancha no corpo agonizante e é preciso uma série de movimentos bruscos para desprendê-lo. O sangue que esguicha do ferimento encharca o feixe de quebra-facão debaixo do sôco de Joaldo. O pescador dá dois passos em direção ao tucunaré que estava ferrado, e os outros peixinhos enlouquecem quando o cadáver desaba na água rasa. Os tucunarés pequeninos aproveitam a oportunidade para escapar da capanga e retornar ao seu elemento vital. Joaldo ainda segura o feixe de quebra-facão ensanguentado, quando sai correndo pra longe do rio. Ao parar pra respirar, percebe por perto os dois meninos que, com os olhos arregalados, não conseguiam nem se mover.

**PAULO RAVIERE** é escritor, tradutor e editor. Nasceu em Irecê-BA em 1986. Graduou-se em Língua Estrangeira - Inglês pela UFBA (2009), onde também fez o mestrado em Literatura e Cultura, na linha de Tradução (2013). Atualmente pesquisa e traduz a obra de Charles Lamb em doutorado na FFLCH-USP. Colaborou com o Blog do IMS e as revistas Pesquisa FAPESP, Barril, Canarana, Serrote e Piauí. É editor da DarkSide® Books, pela qual também publicou diversas traduções e seu primeiro livro, o romance *Todos se Lavam no Sangue do Sol*.

